

SONHO, TRAVESSIA: CAMINHOS DA ESCRITA EM CIDINHA DA SILVA

DREAM, CROSSING: PATHS OF WRITING IN CIDINHA
DA SILVA

Clarice M. Goulart

Doutora em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense - Brasil. Realizou estágio pós-doutoral em Letras na Universidade Federal da Grande Dourados - Brasil. Processora no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - Brasil.
E-mail: claricemgoulart@gmail.com
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9405-9115>

RESUMO: O artigo busca analisar a representação da personagem escritora nos contos “Travessia no barco da coragem” e “Cenas da Colônia Africana - lavadeiras”, da cronista e ficcionista mineira Cidinha da Silva. Partindo de uma discussão sobre os temas encenados nos dois textos, busca-se comparar suas protagonistas, contextualizando-as no escopo maior da trajetória de sua autora. Desse modo, a reflexão entrelaça a visão de mundo e o contexto em que vivem as personagens, por um lado, com, por outro lado, o trabalho de Cidinha no primeiro projeto de ações afirmativas no Brasil. Financiado pela Fundação Ford, a geração XXI foi precursor de iniciativas que culminariam na Lei de Cotas. A discussão se encaminha, então, para uma reflexão sobre o trabalho da escritora dentro de um projeto estético-político, em que os textos de não ficção se unem às personagens fictícias para propor posturas desejantes, assim como uma aposta no ato de sonhar e a afirmação de uma insistência para consolidar projetos. Dentre os nomes mobilizados nessa reflexão está Sueli Carneiro, parceria de Cidinha da Silva na implantação do Geração XXI por meio de Geledés. Destacam-se, também, como aportes teóricos na discussão, as contribuições de Eduardo de Assis Duarte, Saidiya Hartman e Gloria Anzaldúa.

PALAVRAS-CHAVE: Cidinha da Silva; personagem escritora; ações afirmativas no Brasil.

ABSTRACT: This article aims to analyze the representation of the writer character in the short stories “Travessia no barco da coragem” and “Cenas da Colônia Africana - lavadeiras” (African Colony Scenes - Washerwomen), by the chronicler and fiction writer from Minas Gerais, Cidinha da Silva. Starting from a discussion of the themes presented in the two texts, the article seeks to compare their protagonists, contextualizing them within the larger scope of their author’s trajectory. In this way, the reflection intertwines the worldview and the context in which the characters live, on the one hand, with, on the other hand, Cidinha’s work in the first affirmative action project in Brazil. Funded by the Ford Foundation, the generation XXI was a precursor of initiatives that would culminate in the Quota Law. The discussion then moves towards a reflection on the writer’s work within an aesthetic-political project, in which nonfiction texts join fictional characters to propose desirable postures, as well as a commitment to the act of dreaming and the affirmation of an insistence on consolidating projects. Among the names mobilized in this reflection is Sueli Carneiro,

Cidinha da Silva's partner in the implementation of Generation XXI through Geledés. Also noteworthy as theoretical contributions to the discussion are the contributions of Eduardo de Assis Duarte, Saidiya Hartman and Gloria Anzaldúa.

KEYWORDS: Cidinha da Silva; writer character; affirmative actions in Brazil.

1 Palavras iniciais

Eduardo de Assis Duarte observa, nas últimas décadas dos anos 2000, uma ampliação do interesse do público leitor pela literatura afrodescendente no Brasil. No primeiro volume de sua importante coletânea *Literatura e afrodescendência no Brasil* (2011), o pesquisador apresenta essa constatação, atribuindo a tal mudança algumas explicações baseadas em seus estudos do panorama cultural brasileiro: o fortalecimento do movimento negro; a ampliação da classe média negra; a implementação da Lei de Cotas e de projetos de ações afirmativas. O artigo aqui desenvolvido busca abordar a produção de Cidinha da Silva em uma discussão que se entrelace com alguns desses temas levantados por Assis Duarte. Isso porque a investigação que se volta às atividades da escritora e historiadora tem se desdobrado em um estudo sobre as dinâmicas contemporâneas da circulação da literatura brasileira, na medida em que sua atuação se constitui como parte das redes que formam a paisagem do campo em tempos atuais.

Chama a atenção, no caso da prosadora mineira, que – tanto nos relatos que a escritora apresenta sobre sua trajetória, quanto no desenho de suas personagens e seus temas – sua prosa trate, de distintas maneiras, de

alguns dos fatores sinalizados por Duarte em seu mapeamento. É o caso da protagonista do conto “Travessia no barco da coragem”, publicado no ano 2022 no livro *Tecnologias ancestrais de produção de infinitos*. A personagem, que cursou a universidade e tentou sem sucesso trabalhar como professora, se soma, neste artigo, a um estudo do espaço que os livros de Cidinha da Silva têm reservado para o tema da presença da população negra no cenário universitário no Brasil de anos recentes. Como alguém que busca trazer à tona temas relacionados aos Direitos Humanos, à distribuição de poderes e recursos, à justiça racial, Cidinha da Silva carrega também, nas tintas de sua produção literária, algumas encenações sobre posturas de insistência e de engajamento – e não apenas no sentido de um ativismo, mas também, como o presente artigo buscará discutir, na forma da busca por um viver melhor.

Assim, enquanto seu livro publicado com o contundente título de *#Parem de nos matar* apresenta diversas crônicas escritas no calor da expansão do ensino público no Brasil nos anos 2010, tratando de temas como Enem, ProUni e cotas raciais, e valorizando a mudança na paisagem das universidades, “cada vez mais compostas por trabalhadores-estudantes” (op. cit., p. 75), um dos textos de um de seus lançamentos mais recentes traz uma escritora que frequentou a Universidade, obteve seu diploma, é trabalhadora doméstica e escreve na varanda do apartamento em que passa roupa. As personagens dos universos ficcionais de Cidinha da Silva são, então, múltiplas, e atravessam temores, dúvidas e

rotinas atribuladas para seguir o desejo de escrever. Trata-se, sobretudo, de encenações de posturas desejantes. Logo, enquanto *biopoder*, *gentrificação* e *necropolítica* são conceitos que a escritora maneja em suas crônicas para falar sobre direito à terra, à cidade e à moradia, assim como sobre a defesa dos bens comuns, sua prosa traz em seu cerne alguma partilha de afetos, alguma troca. Esse é o tema deste artigo, que narra também, na primeira pessoa, alguns aspectos de meu processo de pesquisa sobre a escritora.

2 Mulheres em movimento

Para falar um pouquinho sobre a minha experiência de pesquisa, quero estabelecer um diálogo com as propostas da professora Cristian Sales. Essa pesquisadora é uma integrante do grupo de pesquisa Crítica Feminista com quem é maravilhoso aprender, e, em um dos eventos presenciais do grupo, realizado no ano de 2023 em Teresina (Piauí), ela falou um pouco sobre a sua experiência na leitura de escritoras negras. O que Sales narra é que, no processo de pesquisa sobre mulheres do Brasil e do Caribe, e escrevendo sua tese de doutorado, ela compreendeu que a produção intelectual e ensaística das escritoras que lia se somava ao texto literário. Mulheres como Conceição Evaristo oferecem, em sua abordagem, aquilo que ela chama de uma bússola para navegar junto das autorias negras, uma vez que se mostram como epistemólogas; pensadoras que oferecem ferramentas e metodologias de leitura dos textos de prosa. Cito, então, um trecho de um artigo escrito por Sales:

tomando o campo literário como exemplo, escritoras e afrodiáspóricas procuram desenvolver outros instrumentos teóricos e analíticos para disputar um lugar na produção de conhecimento. A partir de configurações de ser, pensar e conhecer diferentes, atentas a outras bases de pensamentos e práxis intelectual, elas introduzem formas críticas de conhecimento na luta pela descolonização epistêmica. Da mesma forma, com o intuito de resgatar e reescrever narrativas, ultrapassam os limites entre o ficcional, o ensaístico e o documental, rasurando os estatutos da ficção e da historiografia. (Sales, 2022, p. 121).

Cito esse trecho porque a pesquisadora traz ao foco os desafios e a complexidade de trabalhar com a produção de mulheres negras, na medida em que seus textos carregam em si questionamentos sobre nossas formas de organização social, nossas práticas e nossos modos de conhecer, e fazem esses questionamentos enquanto propõem, efetivamente, formas descolonização dos nossos sistemas de saber e de poder. Ouvindo Sales pensei logo em Cidinha da Silva. A trajetória dessa escritora é feita de uma complexidade tamanha que os textos de sua autoria têm dado conta de nortear a pesquisa que tenho feito sobre seu trabalho, e a metáfora da navegação é bem-vinda para este processo que se dirige, no fim das contas, a um estudo sobre mulheres em movimento. Por isso trouxe para este artigo o título que menciona uma *travessia*.

Estabelecendo um percurso de leitura da produção de Cidinha da Silva, tenho pensado naquilo que liga sua escrita, por vezes tão heterogênea, feita de humor, ironia, graça,

sutileza, delicadeza, inteligência, orixalidades e ancestralidades, poesia, precisão, concisão, denúncia, esperança, enfrentamento, indignação, transformação. Lendo seus livros, acompanhando seu blog e sua página no Instagram, tenho notado entre seus motes de escrita a imagem da travessia, da caminhada, dos caminhos abertos. É o que se observa no conto que será a base para a análise aqui realizada.

“Travessia no barco da coragem” nos apresenta Françoise, uma mulher que mora em São Paulo, sustenta duas filhas e um filho, concluiu a graduação na universidade, já foi professora, deseja passar em um concurso público e escreve da varanda do apartamento em que trabalha. Em um texto no formato de carta, a personagem comenta as dificuldades de ser mãe, fala sobre a pandemia da Covid-19, discute, no grupos de whatsapp dos quais participa, os fatos do país, e compartilha com sua interlocutora uma notícia sobre Mirtes, uma mulher que, trabalhando em uma residência de um condomínio de luxo, viu seu filho cair do alto do nono andar e então perder a vida. Cidinha da Silva nos apresenta, nesse contexto, uma protagonista que transforma em texto as injustiças que vê e que vive nas relações de trabalho, no sistema judiciário, na solidão de seu maternar, na precariedade das condições de habitação, trazendo essas percepções para sua carta. Destaco então um trecho em que ela comenta os desafios que vive:

A verdade é que precisei voltar ao trabalho doméstico. Esse mundo que se dilui no numerário das notícias desaba sobre minha cabeça e eu luto para respirar.

Consegui terminar a universidade em 2016, financiada por um programa de governo, dei aulas como professora eventual no estado, mas mantinha algumas faxinas porque o vencimento miserável só era pago quatro meses depois da assinatura do contrato e, quando regularizou, calhou de fazermos greve por melhores condições de trabalho e os salários foram cortados. Eu *ainda* não consegui passar em concurso, não tenho tempo nem cabeça para estudar e apenas trabalho para pagar os boletos e mandar o dinheiro das meninas. (Silva, 2022, p. 22-23).

A construção da personagem se faz em oposição à figura da patroa, preocupada demais com a limpeza da casa, recolhida no isolamento em relação às urgências do mundo. “Ela foge das notícias de morte”, diz Françoise, que complementa: “Dona Ruth tem necessidade de paz para escrever”. A personagem que ironiza os hábitos da escritora famosa encontra motivação para a escrita em meio ao seu dia de trabalho. Na citação blocada colocada acima, destaco o *ainda* porque noto que essa construção se repete em outro trecho e tem uma presença significativa. Coexistindo com suas observações sobre a paisagem de seu entorno, a falta de tempo em sua rotina e as perspectivas escassas que vê, está também a afirmação de um desejo de mudança:

Cato feijão, pico verduras, cuido das plantas, tudo na varanda para aproveitar o sol na pele. Lá em casa, você sabe, não entra sol e mina água na parede. Meus livros e roupas mofam e *ainda* não tenho perspectivas de me mudar de lá. (Silva, 2022, p. 23-24).

Assim como no primeiro excerto, o termo *ainda* aparece ligado às perspectivas que a personagem busca. Mesclando afirmações sobre o que é possível e o que não é possível fazer – *ainda* –, o texto se mostra feito de um tom arguto, de um olhar agudo sobre o mundo e a postura de quem não busca negar a existência de problemas como forma de viabilizar a escrita, mas que traz, junto das dores e das contingências, uma afirmação de sonhos. Dirigindo-se à Carolina que, assim como dona Ruth, tem seus livros vendidos em larga escala, a narradora declara:

Carolina, meu sonho de ser escritora permanece. Escrevo em cadernos, como você fazia. Esse é um segredo meu e seu; dona Ruth desconfia, mas por minha boca não vai saber de nada. Segredo a gente compartilha com quem a gente sabe que cuida da gente e das nossas histórias. (Silva, 2022, p. 27).

Esse sonho aparece apenas ao fim da carta de Françoise, como uma importante confissão. Não por acaso, a pessoa a quem a carta se endereça se chama Carolina, e as pistas no texto nos levam a imaginar que se trata de Carolina Maria de Jesus. A assinatura da carta nos mostra que o texto se constrói em diálogo com o trabalho de outra escritora negra: Françoise Ega, a martinicana que publicou seu *Cartas a uma negra* (2021).. O diálogo com o livro aparece na profissão da protagonista e no formato do texto, endereçado à mesma interlocutora, mas há particularidades que desejo enfatizar neste momento.

O primeiro aspecto que desejo enfatizar está na construção da narrativa, em que a

interioridade da personagem se mescla ao registro de fatos que compartilhamos no noticiário. Aqui se faz lembrar da Gloria Anzaldúa, que na sua “Carta para escritoras do terceiro mundo”, publicada originalmente no ano de 1980, comenta que o gênero da carta lhe interessa por mesclar intimidade e imediatez. O diálogo entre a construção da personagem escritora e o texto de Anzaldúa não se limita a esse aspecto. Como se observa em uma das citações já apresentadas neste artigo, a personagem de Cidinha se desenha em contraste com a patroa. As duas se dedicam à escrita; uma delas, no entanto, o faz no isolamento, enquanto aquela que escreve a carta menciona aproveitar as pequenas pausas no ambiente do trabalho para exercitar a escrita. Anzaldúa aborda a questão do tempo para dedicar à escrita como limitado, escasso, mas que não deve, contudo, ser um impeditivo:

quem tem tempo ou energia para escrever, depois de cuidar do marido ou amante, crianças, e muitas vezes do trabalho fora de casa? Os problemas parecem insuperáveis, e são, mas deixam de ser quando decidimos que, mesmo casadas ou com filhos ou trabalhando fora, iremos achar um tempo para escrever. (Anzaldúa, 2000, p. 229).

Anzaldúa então convoca a nós, mulheres latinas, a escrevermos, mesmo que em situações adversas. Na citação que já é canônica nos estudos de gênero, convida: “Esqueça o quarto só para si — escreva na cozinha, tranque-se no banheiro. Escreva no ônibus ou na fila da previdência social, no trabalho ou durante as refeições, entre o dormir e o acordar” (Anzaldúa, 2000, p. 229).

É o que faz a personagem escritora da crônica de Cidinha da Silva – o que conduz ao segundo elemento que considero interessante: a afirmação de uma coragem que dá nome ao conto. Coragem sobre a qual fala a narradora quando diz: “temos feito a travessia no barco da coragem, como a vida exige” (Silva, 2022, p. xx).

O que tem me interessado no trabalho de Cidinha da Silva é essa voz enunciativa que escreve, na primeira pessoa, sobre o ato de escrever, e reivindica a coragem como um afeto necessário à afirmação da vida e a transformação de estruturas que negam direitos a grandes parcelas das populações. No meu ponto de vista, a personagem que fala de seu projeto de escrita nos ajuda a pensar em aspectos da história e das permanências da colonização, e faz isso a partir de um envolvimento singular, construído pela intimidade. No caso de Françoise, protagonista do conto, o sonho de tornar-se escritora se revela por meio de uma prática cotidiana, em que a personagem também narra:

Logo que cheguei à casa dela e fiquei hipnotizada pelas paredes de livros no escritório – eu só tinha visto tanto livro numa biblioteca –, ela me perguntou, com ar pesaroso: “Você está se perguntando se eu li esses livros todos? Não, eu não li, mas...” Eu respondi que sabia que ela não tinha lido pois sei que os livros fazem companhia para a gente ao longo da vida e que a gente não lê tudo, mas gosta de saber que eles estão ali, fazendo a travessia conosco. Ela se assustou e aprendeu a me respeitar naquela hora, viu que eu não seria uma negrinha de estimação para ela tratar como inteligentinha. (Silva, 2022, p. 27).

Essa personagem que afirma seu desejo, colocando-se como insubmissa ao enfatizar seu lugar de sujeito, dialoga com o trabalho da ensaísta Saidiya Hartman, que relata tentar escrever a história de mulheres que “lutavam para criar vidas autônomas e belas, para escapar das novas formas de servidão que estavam à espreita e para viver *como se fossem livres*” (Hartman, 2022, p. 11). Leio esse trecho e me lembro de uma intervenção de minha supervisora nesta pesquisa, que há uns meses me disse: *não somos livres*. Escrevo, então, entre essas coerções tantas, e me aproximo dessas mulheres com histórias diferentes da minha para pensar em uma liberdade que se expressa como imaginação, como vontade de criar, como insistência na vida e como luta constante – sem abrir mão, como nos lembra Cidinha em um outro contexto, dos refrescos; aqueles momentos de celebração das vitórias. Saidiya assim define a rebeldia: “ser profundamente consciente do abismo entre o lugar onde você se encontra e como poderia viver. Rebeldia: o desejo ávido por um mundo não governado pelo senhor, pelo homem ou pela polícia” (Hartman, 2022, p. 241).

Assim, em sua escrita que ela mesma intitula *Íntima*, Saidiya reconstrói o trabalho do sociólogo que entrevistava famílias negras na Filadélfia, e que, após 835 horas de conversa, “lamentou pela habilidade e inteligência desperdiçadas porque o mundo falhou em reconhecer os talentos e notou apenas os problemas, como se pobreza e fealdade não fossem os resultados de uma contínua relação entre senhores e escravos (...) em um mundo

dividido pela linha de cor” (Hartman, 2022, p. 122).

Uma das personagens rebeldes e transformadoras que Cidinha da Silva encena está também nos textos que produziu para o livro *Colonos e quilombolas*. Em seu blog, a escritora menciona essa publicação, e então afirma: “Os depoimentos e as fotografias da publicação contam uma história de resistência e reinvenção da vida na busca da humanidade plena”. Lançado em 2010, o livro está esgotado e se encontra disponível para consulta na Biblioteca Nacional, sediada no Rio de Janeiro. A bela edição traz recortes da memória de um local em uma Porto Alegre que se constituiu como território negro no pós-abolição. Reunindo fotografias de arquivos e acervos pessoais, mapas, documentos e textos que narram a história de povoamento da região, o livro apresenta o perfil de seus moradores, descreve seus costumes e afirma a importância da preservação de uma memória que está em disputa.

Com a intenção declarada de apresentar uma contraposição às tentativas de branqueamento do Sul do Brasil, a edição apresenta uma outra face da região; face que por vezes é deixada de lado no desenho do Brasil como nação. O livro narra que os remanescentes do quilombo permanecem sob assédio policial para sua remoção, e que, depois de muita resistência e longo processo para seu reconhecimento, a família Silva teve a propriedade nomeada pelo Incra. O livro mostra uma placa no bairro Três Figueiras, em Porto Alegre, que nomeia a área como comunidade remanescente de quilombo:

família Silva, trazendo tbm a imagem de ligia Maria da Silva, cercada por filha e netos, tendo em mãos o título de posse da terra. Como Cidinha declara em seu blog, a luta pela garantia desses direitos, é, contudo, constante.

Cidinha da Silva está entre as convidadas pelas organizadoras para escrever a partir de arquivos e de “histórias ouvidas dos mais velhos” (2010, p. 13-14). Os textos de *Colonos e quilombolas*, como aquele que relembra a celebração dos *gurufins*, velórios regados a cerveja e samba, são escritos em sua maioria em formato jornalístico, seguindo a tradicional citação direta e a terceira pessoa. Mas nem todos seguem esse modelo, e a primeira história narrada na primeira pessoa é uma das crônicas que Cidinha da Silva desenvolveu para o livro.

Essa crônica é contada pela filha de uma das lavadeiras da Colônia Africana, que reflete sobre o trabalho exercido por boa parte das mulheres do seu bairro, e então lembra do momento em que sua mãe fazia anotações em seu caderno:

ela não teve aula de caligrafia, mas desenhava as letras como se tivesse sido a primeira aluna da classe. O M maiúsculo começava como um caracol. O H era tão ornamentado que mais parecia a cadeira de um rei. O C abria a boca para engolir o mundo. Ela escrevia e afastava o caderno das vistas para contemplar a obra de arte. (Silva, 2011, p. 98-99. Nota: as citações são provenientes da versão do texto publicada no livro *Oh, margem, reinventa os rios*).

A narradora que descreve a rotina da mãe, reproduzindo o olhar da criança encantada com o seu esmero na escrita, afirma que acompanhava o trabalho materno, mas também frequentava a escola, *tendo esperança de futuro*. E essa narradora também nos conta que realizava entregas das roupas lavadas pela mãe e pela avó:

Levava a trouxa de roupa na cabeça, segurando com uma mão, porque não tinha a destreza da mãe para equilibrá-la sozinha. Devia ter uns 10 anos. Entregava a trouxa para as patroas e ficava de pé, esperando elas conferirem o rol. (...) Concluído aquele ritual, ela apalpava uma por uma as quatro peras e as quatro maçãs que ficavam na fruteira sobre a mesa. Escolhia uma e me dava. Eu agradecia, comia mais tarde, saboreando pedacinho por pedacinho. A mesma cena se repetia uma vez por semana, às quartas-feiras, depois da aula. Um dia me dei conta de que ela escolhia a fruta mais feia ou machucada para me oferecer. Passei a deixá-la na parada do bonde, à espera dos pombos (Silva, 2011, p. 101).

O texto foi produzido por encomenda para o livro, e continua a circular dentro da produção que essa escritora mantém em movimento, tendo sido publicado em outros livros. E é notável que o talento de Cidinha para narrar a história traga ao mesmo tempo, coexistindo, a delicadeza e o amor com que a personagem vê a mãe e a insurgência da menina de 10 anos que se recusa a comer a pior fruta que a portuguesa lhe oferece.

Eduardo Oliveira menciona, como marcas do trabalho de Cidinha da Silva, “autonomia e liberdade, intencionalidade e humor, criatividade e crítica” (Oliveira, 2016, p. 27).

Pensando na escrita dessas personagens como um projeto estético-político, quero, por último, falar do primeiro livro que Cidinha da Silva lançou, em 2003: *Ações afirmativas em educação: experiências brasileiras* foi organizado por ela e também escrito a muitas mãos. No prefácio à edição, Sueli Carneiro conta um pouco da biografia da organizadora, e então nomeia a Cidinha como historiadora, militante e “referência no debate sobre ações afirmativas no Brasil” (Carneiro, 2003, p. 12). O livro apresenta dados fundamentais sobre a implementação de projetos de ação afirmativa, trazendo uma memória de processos anteriores à Lei de Cotas e à Lei 10.693, como as parcerias público-privadas que Cidinha da Silva coordenou e sobre as quais fala no livro. Sueli Carneiro assim define o papel de Cidinha diante de tais iniciativas:

Longe de uma perspectiva de auto-comiseração para com a opressão racial, o princípio orientador da prática por ela instituída nesses projetos é propiciar condições satisfatórias para o desenvolvimento das vocações que neles se apresentam, exigir empenho e dedicação para alcançar as metas desejadas e fortalecer a identidade racial para se enfrentar o racismo. *É um convite para sonhar e ousar*; recusar a baixa expectativa das escolas, dos professores e a profecia auto-realizadora de fracasso em relação ao próprio destino como jovens negros. As experiências de ação afirmativa ora apresentadas tentam provar que *oportunidades iguais remetem às mesmas chances de sucesso* (Carneiro, 2003, p. 12).

O companheirismo que Sueli Carneiro e Cidinha da Silva estabeleceram ao longo das décadas beira, segundo Bianca Santana, uma relação de parentesco. No entanto, destaco o trecho acima para trazer o tema do sonho e da ousadia e da busca de ferramentas para afirmá-los. Acho que as duas crônicas que busco discutir neste artigo trazem uma proposta reflexiva sobre isso que Sueli Carneiro menciona quando fala em vocações, alinhando-as às ideias de empenho-planejamento-oportunidade, e ressaltando a importância de uma união pela luta antirracista. Cidinha da Silva assim situa o projeto, explicando os fundamentos para sua formulação:

A iniciativa foi da fundação BankBoston, que, por seu intermédio, sugere um caminho para as grandes corporações: elas devem investir no potencial, na riqueza humana e não na pobreza, na carência. Cada pessoa tem um potencial e deve ter o direito de desenvolvê-lo. Este é um exemplo de prática de responsabilidade social que ataca uma questão de fundo, o racismo (Silva, 2003, p. 64).

No seu primeiro livro, Cidinha comenta que “propiciar as condições de aprendizado e de desenvolvimento de talentos contribuiu para o aperfeiçoamento da construção democrática no Brasil” (Silva, 2003, p. 18), justificando então a relevância de projetos de ação afirmativa para oferecer uma reparação a populações em diáspora e seus descendentes, grupos sociais historicamente subjugados pelo processo de colonização. Nesse contexto, a escritora destaca que a inserção dos jovens em um ambiente que priorize o seu

desenvolvimento intelectual e fortaleça seus vínculos comunitários contribui para a construção de uma autoestima. A personagem de Françoise, presente no primeiro conto aqui discutido, estudou com financiamento de um programa de governo, enfatiza que isso não é suficiente e escreve sobre sonhos e limitações, sobre um *ainda* que se estende por um tempo longo demais.

Gosto de como as singularidades que a escritora apresenta aparecem aliadas a uma discussão sobre políticas públicas. Como Cidinha destaca em seu blog, a luta pela garantia dos direitos dos moradores da Colônia Africana é constante e depende de políticas de Estado, assim como a luta das mulheres que aparecem em seus textos: personagens que buscam se afirmar ao longo das décadas trazendo o tema da diáspora, das relações de poder, e de seus desejos insubmissos. Afinal, vale lembrar que a protagonista do “Travessia no barco da coragem” afirma: “Eu estudei, Carolina, fiz faculdade porque queria ferramentas para ajudar a organizar meu pensamento”. A frase da personagem se assemelha na forma e no tom àquela escrita por Beatriz Nascimento, quando declara: “eu adquiri instrumentos para o meu conhecimento através do estudo da história, na qual acredito totalmente” (46)

É muito interessante a presença, nas duas crônicas, dos cadernos como suporte para essa escrita que recebe um tratamento afetuoso, mostrando-se como um talento e uma possibilidade motivada por uma vontade própria e que pode adicionar prazer a rotinas atribuladas. Françoise, a protagonista do

primeiro texto, escreve porque quer e porque gosta, e nesse processo denuncia os problemas que identifica nas relações pessoais que observa e vive, como também fala sobre as contingências que a levam a trabalhar na residência de dona Ruth.

3 Palavras finais

Parte intrínseca de sua produção literária, a vida em sociedade é um tema que une, em um mesmo tecido, seus textos de não ficção e a construção de sua prosa ficcional. Ao mesmo passo, as elaborações sobre as dinâmicas sociais brasileiras aparecem, muitas vezes, acompanhadas por uma constante escrita de si. E suas personagens se mostram, por sua vez, como extensão das próprias realizações que Cidinha procura imprimir ao mundo, ao mesmo tempo que, no universo da ficção, também constroem mundos, dentro de um registro estético que – como ressalta a escritora – não pode ser dissociado de um trabalho sobre a linguagem para produzir efeitos de leitura. Refinamento e concisão, são, nesse sentido, as ferramentas que a escritora maneja para transmitir sua visão de mundo e aquilo que sua sensibilidade elabora em um tempo presente, compartilhado com quem a lê.

A protagonista do Travessia conta que escreve da São Paulo que nos é contemporânea; a narradora do Colônia rememora as viagens que fazia de bonde para entregar as roupas lavadas no início do século XX. Nesses dois momentos e através das décadas se sobressai o lugar em que as narradoras se colocam: corajosas,

insubmissas, críticas, inteligentes, amorosas, observadoras, apaixonadas por livros, cadernos e pela escrita. Mulheres que ganham mundo falando de si, seus saberes e dos contextos em que vivem. Essas personagens que se colocam em uma corajosa primeira pessoa trazem consigo a sensibilidade de quem apresenta seus mundos em sua delicadeza, sua beleza, mas sem se esquecer de uma crueldade contra a qual é preciso se colocar.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. "Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo". Trad. Édna de Marco. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 01, p. 229-236, 2000.

CARNEIRO, Sueli. Prefácio. In: SILVA, Cidinha da (Org.). *Ações afirmativas em educação: experiências brasileiras*. São Paulo: Summus, 2003.

DUARTE, Eduardo de Assis. Introdução. In: DUARTE, Eduardo de Assis & FONSECA, Maria Nazareth Soares (orgs). *Literatura e afrodescendência no Brasil*. Belo Horizonte, UFMG, 2011.

EGA, Françoise. *Cartas a uma negra: narrativa antilhana*. Trad. Vinícius Carneiro e Mathilde Moaty. São Paulo: Todavia, 2021.

HARTMAN, Saidiya. *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos: Histórias Íntimas De Meninas Negras Desordeiras, Mulheres Encrenqueiras E Queers Radicais*. Trad. Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022.

NASCIMENTO, Beatriz. "Por uma história do homem negro". In: RATTS, Alex (org.). *Uma*

história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. pp. 37-46.

SALES, Cristian. "Intelectuais afrodiáspóricas e produção de conhecimento na América Latina e Caribe: Conceição Evaristo, Mayra Santos-Febres e Yolanda Arroyo-Pizarro". *Revista História: Debates e Tendências* (Online), vol. 22, núm. 4, pp. 118-147, 2022.

SILVA, Cidinha da. "Cenas da Colônia africana - lavadeiras". In: SALES, Irene et al. *Colonos e quilombolas*. Memória fotográfica das colônias africanas de Porto Alegre. Porto Alegre: [s/n], 2010.

SILVA, Cidinha da. *Oh, margem! Reinventa os rios!* São Paulo: Selo Povo, 2011.

SILVA, Cidinha da. *#Parem de nos matar*. Editora Jandaíra, 2020.

SILVA, Cidinha da. *Tecnologias ancestrais de produção de infinitos*. Martelo, 2022.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.